

De 27 a 31 de março

A photograph showing three students in white lab coats working outdoors. They are gathered around a large tablet that displays a reflection of the surrounding trees. A pair of binoculars is placed on the right side of the tablet. The background is a dense forest with tall trees.

LABORATÓRIO DA ESCRITA

Encontro com o cientista

Rui Brito, biólogo e um apaixonado pela natureza, colabora há 16 anos com o Parque Biológico a anilhar aves. Confidenciou-nos que anilhou no Parque, uma trepadeira comum, que foi recapturada passados 8 anos, sendo este espécime detentor de recorde de longevidade desta espécie.

TURMA A

Os alunos da EB de Figueiredo entraram pela Escola Ciência Viva em êxtase. Tanto o Parque como os laboratórios, foram espaços de aprendizagem, mas foi na viagem ao Espaço que os pequenos cientistas estiveram em “casa”, com o entusiasmo demonstrado no jogo “Astros à Solta” e exploração de diversas aplicações sobre o sistema solar.

TURMA B

As turmas B e C da EB de Laborim de Baixo chegaram apreensivos à Escola Ciência Viva, mas rapidamente ficaram fascinados com o que o Parque tem para nos oferecer. Contactar com os animais da Quinta, investigar pegadas e vestígios, estudar o caudal do rio Febros e até recolher e observar artrópodes e plantas, foram o ponto alto para estes pequenos cientistas!

Uma Escola Modelo

No dia 27 de março começou a nossa Aventura na Escola Ciência Viva. Fomos recebidos por um conjunto de Professores. Dirigimo-nos para a Sala Amarela. Os professores responsáveis por esta sala foram o professor Bruno e o professor Carlos. Estes e todos os professores com quem estivemos revelaram-se divertidos, pacientes, empenhados e exigentes quanto ao nosso comportamento. No início sentíamos muita ânsia pois estávamos numa **Escola diferente**. Usámos batas porque, no final de contas, éramos Cientistas! Os cinco dias que aqui estivemos, começaram todos com a entoação do hino da Escola Ciência Viva. As atividades que nos foram propostas estavam bem organizadas, bem pensadas e adequadas à nossa compreensão e curiosidade. Aprendemos vendo, escutando e fazendo. Adorámos a confeção das bolachas e do *slime* comestível. O contacto com a natureza foi importantíssimo. Gostaríamos de repetir esta experiência tão enriquecedora e desafiante!



o que mais gostámos esta semana . . .



Despertar a curiosidade

Na realidade gostámos de tudo. O que mais nos marcou foi "fazer" e "meter as mãos na massa"! Saímos daqui mais informados e mais curiosos. A sessão que tivemos no último dia com o biólogo Rui Brito permitiu-nos saber a importância da anilhagem nas aves. A anilhagem das aves permite o seu estudo e descobertas muito interessantes sobre a vida de cada espécie.

Laborim de Baixo na Escola Ciência Viva

Na semana de 27 a 31 de março, as turmas B e C de Laborim de Baixo do Agrupamento de Canelas, de uma forma entusiasta participaram nas atividades propostas pela ECVG. Pudemos ter um contacto maior com os seres vivos e aprender um pouco mais sobre a biodiversidade e como cuidar dela. Fomos cientistas de laboratório, onde cozinhámos bolachas e *slime* comestível; detetámos substâncias ácidas, neutras e básicas; ficámos a saber um pouco sobre a oxidação e corrosão. Fomos exploradores do Parque com saídas do campo onde aprendemos sobre a fauna e a flora e alimentámos animais da quinta. Na Ciência Fora da Caixa trabalhámos a eletricidade e aprendemos a fazer circuitos elétricos. Fomos programadores e contruímos robôs. Viajámos pelo Sistema Solar. Fizemos atividade física e medimos o ritmo cardíaco. Com o biólogo Rui Brito, aprendemos muito sobre algumas aves. Mostrou-nos o quanto é importante anilhá-las e demonstrou-nos como o fazer a um mocho-galego e a uma



O que mais gostámos esta semana . . .

OS EXPLORADORES DE LABORIM DE BAIXO NO CAMPO



Na nossa Saída de Campo, cada grupo pôde explorar diferentes temas: os Detetives do rio Febros descobriram o pH da água, alguns “habitantes” (plantas e animais), como os alfaiates e vários peixes, a sua profundidade e largura. Os Caramelos das Pistas e vestígios encontraram pegadas de corços e fizeram um contramolde, viram fezes de pavões e habitats de outros animais. Os Aventureiros do Parque ficaram a saber mais sobre as plantas - espécies e suas características. Por fim, os Vencedores, andaram de antenas ao alto e apanharam alguns insetos e aprenderam sobre eles.

Nome: Rui Brito

Ano e local de nascimento: 1975, Porto

Formação: Biologia

O que mais me cativa na Ciência: “O contacto direto com a biodiversidade e contribuir ativamente para a sua conservação.”



Rui Brito, biólogo e cientista, assume-se também como empresário, uma vez que determinadas áreas da Ciência lidam com algumas dificuldades de financiamento. Neste âmbito, apresentou a sua marca comercial *Ardea – Ambiente e Sustentabilidade* e através da qual desenvolve tanto projetos Ambientais e de Investigação, como parcerias com Universidades, Institutos ou Centros de Investigação.

Sensível ao nosso convite, Rui Brito proporcionou um *Encontro com o Cientista* inesquecível aos nossos pequenos cientistas, começando por lhes contar que desde sempre existiu uma relação muito próxima entre as aves e o Homem, centrada no fascínio pelo voo!

Hans C. Mortensen, William C. Tait, Geoffrey M. Tait e o Professor Joaquim Santos Júnior são nomes de personalidades intemporais e importantíssimas na observação, estudo e **anilhagem de aves**. Esta é uma ferramenta de investigação científica que consiste na colocação de uma anilha na pata de uma ave, permitindo individualizá-la, através do seu respetivo código. Segundo o nosso investigador, podemos dizer que é como o “Cartão de Cidadão” da ave!

A anilhagem tem por objetivos a investigação, monitorização, conservação, educação e sensibilização ambiental, bem como a formação gratuita de novos anilhadores.

Para pôr em prática este processo é fundamental ter em atenção o local, os materiais e o método a selecionar. Geralmente, deve ser executado ao amanhecer, em dias sem chuva e em locais de vegetação bem desenvolvida. A captura pode ser efetuada através de redes de nylon (redes japonesas) e as mesmas devem ser verificadas periodicamente para que as aves não fiquem demasiado tempo retidas. Consoante as espécies a estudar, o tamanho da malha varia e podem ser usados outros métodos como as armadilhas, as redes canhão e a anilhagem no ninho.

Rui Brito explicou com detalhe o procedimento de retirada das aves das redes e a melhor forma de as manipular para colocar a devida anilha. No entanto, fez parecer tudo isto mais fácil do que realmente é, anilhando uma coruja-do-mato (*Strix aluco*) e um mocho-galego (*Athene noctua*) mais rápido do que “um piscar de olhos” destes belíssimos exemplares. As crianças puderam, assim, ver *in loco* o trabalho do cientista convidado e, mais do que sensibilizados, ficaram surpreendidos e maravilhados.

Puderam ver e aprender que há anilhas metálicas com código alfanumérico (letras e números) de diferentes tamanhos (correspondendo às diferentes medidas de tarso). Existem ainda anilhas de plástico coloridas, cuja leitura pode ser feita à distância e geolocalizadores. Ainda que de formas distintas, todas elas permitem o registo de dados como idade, sexo, peso, condição física e medidas do corpo da ave, entre outros. Consequentemente, as capturas e recapturas permitem obter informação sobre longevidade do espécime; migrações (rotas); locais de alimentação e nidificação; tendências populacionais; reprodução; morfologia; ecologia e até doenças.

Nos últimos 16 anos, Rui Brito trabalhou no Parque Biológico de Gaia, promovendo a anilhagem. Como tal, terminou a sessão convidando todos os interessados a participar gratuitamente nesta atividade todas as manhãs dos 1º e 3º sábados de cada mês.

